

Nome: Antônio Felipe Paulino de Figueiredo Wouk
Nascimento: 19/09/1955, em Curitiba-PR
Estado Civil: casado com Maria Luiza Marques Dias
Formação: Medicina Veterinária
Atividades: clínico privado (oftalmologia veterinária), consultor educacional, professor

Antônio Felipe Wouk

Inteligência na Academia e olhos para o mundo

O homem é fruto do meio ou da genética? Qualquer que seja a resposta, o destino de Antônio Felipe Wouk já estava traçado em linhas fortes quando nasceu. Pais intelectuais e professores universitários, filho também. O pai, Miguel Wouk, natural de Marechal Mallet, no interior do Paraná, foi catedrático de Filologia Românica. A mãe, Maria das Dores Figueiredo, nascida em Caldas-MG, lecionou Didática Especial do Francês e Linguística. O Wouk vem dos avós paternos Ignácio e Anna, imigrantes ucranianos. Miguel, que chegou a ser irmão marista, conheceu Maria na faculdade de Letras. O filho de educadores que se conheceram na faculdade também seguiu carreira acadêmica e tornou-se professor universitário.

Sua vida escolar começou no Grupo Escolar Júlia Wanderley, onde a mãe o matriculou por conhecer a diretora do estabelecimento, a então célebre educadora Isolda Schimit. Seguindo a trilha do pai, fez o ginásio e o científico numa escola marista, o tradicional Colégio Santa Maria. Sua irmã, Maria Beatriz (Bia), estudava no Sacre Coeur.

A infância na Curitiba dos anos 50 e 60 foi muito livre. A família morava numa rua particular, a Travessa Rui Leão, que era uma extensão da casa. Foi uma infância muito lúdica, construindo carrinho de rolimã, brincando nas ruas, jogando futebol. Mas também uma infância de compromissos: o estudo era muito valorizado na família. Além do estudo formal, havia as aulas de música e línguas estrangeiras. Em sua casa, lugar de muitos livros, lia-se muito, conforme o exemplo dos pais. Nas horas de segredo, quando pai e mãe queriam falar sem serem entendidos, conversavam em francês. Com isso, os filhos acostumaram os ouvidos. Quando foi estudar francês, já entendia bem a língua. A influência francófila o ajudaria muito no seu doutorado, cursado na França.

Seus pais faziam parte de um grupo de intelectuais que se reunia periodicamente para jantar e conversar. Depois da refeição em algum restaurante, iam até a casa dos Wouk, onde ficavam trocando ideias até altas horas. Antônio Felipe, confessando sempre ter sido notívago, conta que ficava no canto da sala ouvindo as saborosas conversas sobre tudo: religião, política, educação. Faziam parte do grupo nomes como Aroldo Murá, Emir Calluf, Ocyron Cunha e Elvira Meirelles.

CARREIRA ACADÊMICA

Embora tenha trilhado carreira acadêmica, Antônio Felipe graduou-se numa área bem diferente daquela dos pais: concluiu o curso de Medicina Veterinária na Universidade Federal do Paraná em 1974. O gosto pela veterinária veio a partir do seu melhor amigo de infância, José Artur, cujo pai, Pedro Pimpão de Azevedo, tinha uma clínica de cães e gatos na própria casa. Nenhum dos filhos de Pedro seguiu a carreira do pai: foi quem se encantou com a profissão do pai do melhor amigo. Aliás, Wouk cita como indício de uma infância bem vivida o fato de manter liames sólidos até hoje com vários de seus amigos daquela época.

Na universidade, teve um grande mestre, o professor de Clínica Cirúrgica Sylvio Bove, que o influenciou muito. Acabou fazendo especialização na disciplina do mestre. Continuou o mesmo caminho no Mestrado, em Santa Maria-RS, onde fez amizade mantida até hoje com outro professor importante na sua trajetória, Ney Pippi.

Em 1978, ingressou no quadro de professores da UFPR, sucedendo o próprio professor Bove. Poucos anos depois, o mestre faleceu. Wouk tornou-se professor titular da universidade aos 35 anos. Na Federal, foi diretor de Programas da Funpar (fundação de apoio à Universidade), membro do Conselho Curador e coordenador de curso na graduação e na pós-graduação. Kursou seu doutorado em Toulouse, na França, sob orientação de André Cazieux. Concluiu o curso em 1984. Paralelamente ao doutorado, fez especialização em oftalmologia veterinária. Retornou ainda à França em 1989 para fazer pós-doutorado em Oftalmologia Veterinária.

Quando voltou a Brasil depois do pós-doutorado, foi surpreendido com um convite para assumir um posto no laboratório Roussel-Uclaf, tornando-se responsável pelo desenvolvimento de medicamentos para humanos e animais. Pediu então afastamento da UFPR e ficou em Paris por 20 meses trabalhando no laboratório. Por conta do trabalho, acabou conhecendo mais de 30 países, aos quais viajou a serviço do laboratório.

Diz que nunca foi tão valorizado profissionalmente quanto no laboratório francês, mas acabou voltando ao Brasil para ficar perto do filho, naquele tempo caminhando para a adolescência. Wouk era então divorciado de Doris Miriam Parolim, com quem teve o único filho, Bernardo Augusto Parolim Wouk, nascido em 1981. Hoje, o filho, publicitário à frente da agência Eikon Comunicação e mestre em Semiótica, é também professor, na Universidade Positivo.

Há mais de 16 anos, Antônio Felipe Wouk vive com a arquiteta Maria Luiza Marques Dias, professora na UFPR, sua grande interlocutora para todos os assuntos da profissão e da vida.

PESQUISAS

Wouk lecionou também na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, onde foi coordenador do curso de Medicina Veterinária por seis anos. Lá, introduziu o estudo de

medicina comparada com cardiologistas e participou de pesquisa para válvulas cardíacas com engenharia de tecidos. Embora esteja aposentado da docência, continua participando de pesquisas científicas, como a que realiza com o professor Hamilton Moreira em oftalmologia comparada. Recentemente, fez parte de uma equipe que estudou o transplante de glândulas salivares para o olho com o objetivo de restaurar a lubrificação ocular. Inicialmente realizada em animais, a técnica acabou sendo utilizada com sucesso também em seres humanos.

Como frutos das suas pesquisas acadêmicas, Wouk publicou várias obras, como autor de capítulos de diversos livros, e inúmeros artigos científicos, além de haver participado como conferencista e apresentador de trabalhos em muitos eventos. Graças a sua atuação como docente e pesquisador, recebeu da Câmara de Vereadores de Curitiba o título de vulto emérito da cidade pelos serviços prestados à comunidade.

Atualmente, Wouk tem diversos cargos de representação. É secretário-geral do Conselho Federal de Medicina Veterinária, membro do Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (Concea) e do Conselho Nacional de Avaliação do Ensino Superior (Conaes), participando da acreditação de escolas de Veterinária no âmbito do Mercosul. Participa ainda da Comissão de Ensino da Medicina Veterinária na Organização Mundial de Saúde Animal (OIE). Viaja anualmente a Paris para as reuniões da OIE. Faz parte também da Academia Paranaense de Medicina Veterinária, como membro titular, e continua lecionando regularmente microcirurgia ocular e oftalmologia em cursos de pós-graduação de instituições privadas.

ROTINA

Sua rotina atual inclui o atendimento na sua clínica particular, as atividades nos órgãos de representação e a consultoria educacional que presta a instituições de ensino superior. Paralelamente, continua fazendo pesquisas e escrevendo textos científicos.

Mas como nem tudo na vida é trabalho, nas horas vagas, Wouk gosta de ler, ir ao cinema, ouvir música, conversar. Costuma ir às salas de cinema, preferindo filmes leves e evitando os tristes e pesados. O grande prazer do cinema, diz, é ir à grande sala e assistir ao filme, programa que faz com frequência. Outra predileção é o contato com a natureza. Tem casa na praia de Itajuba, em Barra Velha-SC, de frente para o mar. Embora não costume entrar na água, preza muito estar lá, para andar na areia, sentir o Sol e o mar. Faz questão de exercitar a capacidade de se encantar com a natureza. E tem feito o exercício de não reclamar de nada, por acreditar que o hábito de reclamar, em geral cultivado por quase todo mundo, em nada ajuda a viver bem.

Homem de religiosidade cultivada desde criança, quando foi coroinha na Igreja da Glória, onde seu pai tocava órgão, teve nos pais os grandes exemplos de espiritualidade e fé. É

católico de frequentar a igreja e diz fazer da oração um exercício diário de humildade e de aproximação com o divino.

Em matéria de leitura, embora seja do tipo de leitor que lê de tudo, gosta de literatura em geral e de história, mas tende preferencialmente para a filosofia – não à toa, Kirkegaard, especialmente, que leu pela primeira vez ainda na adolescência, uma leitura difícil, ajudada pelas conversas com o pai sobre as ideias do filósofo dinamarquês. Aliás, Wouk lembra que conversava muito com o pai, contando uma das ocasiões frequentes de diálogo: quando criança, não havia televisão na sua casa, e o pai (que falava inglês, francês e espanhol e lia bem em alemão) ouvia a rádio BBC em inglês, comentando as notícias para o filho.

CRÍTICA AO HEDONISMO

Entre seus autores preferidos, Wouk cita Gilles Lipovetsky e a obra “A era do vazio”, que trata da ausência de valores, característica das pessoas autocentradas que buscam o prazer a qualquer custo, tão comuns hoje em dia. E falar na obra de Lipovetsky é o pretexto para que Wouk indique o cerne da “crise social que vivemos”: “é uma crise de compromisso”. Pai, filho, professor, ninguém se compromete. Lamenta que no mundo atual grasse o hedonismo. “As pessoas hoje não são nada por inteiro”, filosofa. O jovem atual está muito assim, preocupando-se apenas com o próprio umbigo, acredita ele, não por culpa própria, mas por falta de exemplos. O jovem precisa reconhecer alguém em quem possa se espelhar, um ídolo. Mas hoje os jovens carecem de referências, e o que mais educa é o exemplo – e os exemplos de ética, honestidade, estão rareando. O que dá naquilo que qualifica como “o esboroamento ético das instituições”.

Entre elas, a educação. Wouk avalia que “o Brasil perdeu o bonde da história em educação”. Diz que, há 25 anos, no auge de sua juventude como docente, o país tinha mais massa crítica, mais publicações e patentes que a Coreia do Sul – hoje, a nação oriental é um dos “tigres asiáticos”, pois foi transformada pela educação, passando à frente do Brasil. A avaliação de Wouk é dura e pouco esperançosa: “Temos gerações sacrificadas por uma educação mal feita, os testes internacionais dizem isso. O jovem não está sendo ensinado a pensar. Perdemos o momento histórico de nos transformarmos pela educação. De quantas gerações mais precisaremos?”

A UNIVERSIDADE

Um dos centros dessa crise no ensino, analisa Wouk, é a universidade, especialmente a pública. Ele critica o atual sistema de avaliação da Capes, responsável por fazer com que o professor que se tranca no seu gabinete e só fica publicando trabalhos científicos progrida muito mais na carreira do que o professor que está na sala de aula ou no hospital. A Capes avalia a produção científica, mas não a qualidade do professor em sala de aula. “São poucos os grandes pesquisadores que sentem prazer em fazer orientação de iniciação em pesquisa científica. A

universidade tolhe a criatividade do jovem”, lamenta. E mesmo as pesquisas, geralmente concentradas nas universidades públicas, são pouco úteis, desligadas da realidade, sendo um indicador concreto disso o baixo número de patentes no Brasil.

O problema maior, na visão dele, é a filosofia por trás do atual sistema de ensino superior: “A educação transformadora deixou de existir, a educação do amor, como dizia Marcelino Champagnat. Esses valores, hoje excepcionais, precisam voltar.”

Num mundo de pessoas autocentradas, Wouk tem uma vacina: a espiritualidade, que protege contra as influências a insensibilidade, da incapacidade de olhar para o outro, da dificuldade de se preocupar com o outro e aceitá-lo com todas suas diferenças.

POLÍTICA

Em matéria política, Wouk rejeita os conceitos de esquerda e direita, julgando-os anacrônicos. Crê que a ideia de bem-estar social passa por diferentes saberes e momentos políticos, que podem ser interpretados como de esquerda, centro ou direita. Defende que o principal caminho para o sucesso em matéria política é o planejamento estratégico, que vê faltar nos políticos de hoje em geral.

Sente falta também, no cenário atual, de um verdadeiro estadista, como foram, em sua opinião, Ulysses Guimarães em âmbito nacional e Charles De Gaulle em nível mundial. “O estadista precisa ter capacidade de intuir, a partir das experiências, o que pode ser melhor para um dado momento. Isso vem de uma cultura geral, uma cultura política. E nosso drama é que não reconhecemos nos nossos políticos o homem culto, antenado com as coisas do mundo”, explica.

Pensa que o país precisa mudar sua cultura política, mas que isso só acontecerá se houver alguém capaz de catalisar a reação.

ARTE

Embora crítico em relação a muito do que vê no mundo de hoje, Antonio Felipe Wouk está muito longe de ser uma pessoa amarga. Sabe apreciar o que a vida tem de bom, especialmente o que se relaciona aos prazeres intelectuais. Além do citado gosto pela leitura, pelo cinema e pela conversa, é apreciador de arte em geral. Chegou a estudar piano por dois anos. A família o educou para isso – eram comuns, na infância, as idas a museus, a leitura de livros de arte, o estímulo às atividades artísticas. Sua irmã, Bia Wouk, artista plástica de renome internacional que hoje mora em Madri, na Espanha, foi-lhe também uma influência cultural, pois a via desenhando e pintando desde criança.

Em matéria de música, tem o gosto que se costuma dizer eclético: vai da música clássica à MPB (Caetano e Gil, especialmente) e à Jovem Guarda, passando pelo rock, Pink Floyd, Yes, Bee Gees, Rolling Stones, Beatles... Cita ainda Martinho da Vila e Ben Harper – este,

apresentado a ele por seu filho surfista. O ecletismo musical, Wouk atribui à sua postura de cientista: “Tenho que estar aberto às diferentes verdades professadas, nos vários campos.”

Outra atividade de lazer que aprecia muito e faz regularmente é viajar. Passeia frequentemente pela Europa, pela América do Sul, pelo Brasil. Recentemente, tem-se dado o prazer de fazer viagens de pai e filho, apenas os dois, num misto de estreitamento afetivo e alargamento cultural.

Antonio Felipe Wouk afirma ser homem de muitos sonhos. “Se não tivéssemos sonhos, a vida perderia o sentido”, ensina. E conta que tudo que faz hoje já é um sonho realizado. Ele deseja, com o distanciamento crítico que lhe é possível, ser um analista privilegiado das situações e motivar jovens colegas a trilharem na docência um caminho da verdade: “É preciso haver o compromisso com a verdade científica. E fugir do autoengano”.